

# **PAISAGENS NOTURNAS**

## **PRIMEIRA AVENTURA DO DETETIVE ALYRIO COBRA**

Vera Carvalho Assumpção

“O que foi, isso é o que há de ser,  
e o que se fez, isso se tornará a fazer;  
de modo que nada há de novo debaixo do sol.”

LIVRO DO ECLESIASTE

## 1.

— Nós, detetives particulares, somos os termômetros da moral estabelecida. Como representante da classe, afirmo que nossa sociedade está esfacelada, podre. Não acredita em mais nada além de grana. — As palavras rolaram pela sala junto com a fumaça das últimas tragadas que Alyrio Cobra dava em seu cigarro.

George abriu os braços num gesto que lhe dava razão, não só porque soubesse que o amigo estava bêbado, mas também porque passava as noites solitário e estava sempre disposto a se deixar fisgar por assuntos que ocupassem muitas horas.

— Nosso trabalho anda fraquíssimo. — Alyrio tomou novo fôlego. — Aliás, o meu, porque você que investiga golpes nas companhias de seguro está sempre na ativa. A vida do país transformou-se em planejar e executar golpes. A começar pelos senadores da república e magistrados, ninguém pensa em outra coisa que não sejam golpes para conseguir mais grana.

— Como você falou, é a moral estabelecida! — George se empolgava. — Os mais altos cargos do país se criaram exatamente para planejar golpes e enriquecer sem nenhum constrangimento diante da miséria e da violência que deixam no seu rastro.

— No caso de um detetive como eu, já não há pais procurando filhas desaparecidas. Nenhum corno querendo a prova do adultério. Será que as mulheres não corneiam seus maridos? Será que as meninas não somem de casa, não se mudam para a casa de sujeitos imprestáveis? — Alyrio esmagou o cigarro no cinzeiro. — Corneiam, trepam e se drogam mais do que nunca. Mas hoje, maridos e pais não querem nem saber. Desde que não amolem e não tirem a concentração do ganhar dinheiro, deixam que trepem e desmoralizem seus lares. Hoje, ver a própria esposa, com o corpo nu exposto em bancas de jornal transformou-se em motivo de orgulho. Os valores fundamentais estão perdidos!

George ia dizer alguma coisa que confirmasse o discurso de seu amigo e vizinho de escritório, mas percebeu que Alyrio não falava com ele. Interrogava as paredes amareladas. No afã de encontrar respostas adequadas para todas aquelas questões, os dois levantaram seus cálices de vinho tinto

numa forma de brinde e os esvaziaram de um gole. George reencheu os copos e os dois mais uma vez os esvaziaram, brindando a penumbra que adentrava pela janela.

— Como a agência Cobra de detetives está devagar, vamos tomar um pouco de ar e comprar queijo e pão para que o estômago tenha algo com que se divertir além do vinho.

Os dois saíram do escritório e caminharam pelo corredor. No patamar, o piso era de mármore e as escadas dignas de um palácio. O elevador funcionava como uma gaiola móvel no poço da escadaria. Enquanto o esperavam, deixaram-se invadir por ruídos e odores do antigo prédio.

O elevador parou lotado. O ascensorista fez um sinal e Alyrio se espremeu entre os outros ocupantes. George sentou-se num degrau da suntuosa escada de mármore e acenou com um falso desânimo. Alyrio sabia que o amigo ficaria feliz observando a última claridade do dia que adentrava por um vitral que ali se mantinha por algum milagre indecifrável e criava uma luminosidade colorida no piso de mármore claro. O vinho exacerbava a veia poética de George, acentuando-lhe a capacidade de ficar por horas observando aqueles detalhes de cores inacreditáveis refletidas no chão. Em prédios antigos do centro de São Paulo ainda se viam tais aberrações. E era ali, com o olhar perdido naquele mosaico colorido oscilante ao sabor da caminhada do sol, que ele decifrava o emaranhado de confusões que envolviam as seguradoras e conjecturava sobre os bons tempos em que São Paulo era uma cidade mais humana.

Alyrio saiu do elevador empurrado pela energia do álcool. O fim de inverno naquele entardecer de agosto trazia um ventinho gelado. Alguns passos e respirações profundas ajudaram seu cérebro embotado e o fígado intoxicado. A rua Sete de Abril estava enlouquecida. Camelôs enchiam as calçadas tornando quase impossível caminhar por elas. O som alucinado das lojas de CDs se melava nos cheiros de pastéis, Macdonalds, hot dogs e churrascos gregos. Ele seguiu para o meio da rua onde uma multidão, que terminava a jornada de trabalho, caminhava em retorno ao lar. Era uma multidão de gente com o visível cansaço do final do dia, intercaladas de assaltantes e assassinos. Alguns agiriam ali, pegando o dinheiro de um distraído que trabalhara o dia todo para ganhá-lo. Era a crise. Não tanto

econômica como moral. Deixando-se levar naquela maré de gente, conseguiu entrar na única padaria decente que restava no meio daquelas fábricas de fast-food.

De acordo com o próprio gosto, mas especialmente pelas manias gastronômicas de George, escolheu alguns queijos importados, o balconista trouxe um pão quentinho, cortou a mortadela de sempre e o salame. Alyrio saiu com o pacote de comida e mais três garrafas de vinho chileno para beber à vontade e uma de um vinho português, muito especial, caso houvesse um momento mais intenso em que era preciso algo um pouco mais etéreo.

Quando Alyrio inaugurou a agência Cobra de detetives, George já possuía o escritório no mesmo corredor e era viúvo. Atento aos rumores que corriam pelo edifício, Alyrio soube que sua esposa, em vida, havia sido uma megera. Sabia também que, depois de viúvo, nos dias mais frios, George gostava de beber vinho tinto e ia recriando a mulher com quem estivera casado por trinta anos como se fosse a criatura mais terna e adorável deste mundo. Talvez sua dor tenha sido tão grande pelos destratos que ele preferia desabar para a fantasia. E era quando a idealizava em noites de amor que jamais existiram, que precisava de um vinho mais etéreo para que o fígado não desmascarasse seus sonhos.

Ao retornar, encontrou George no exato degrau da escada em que o deixara. Só que já não havia reflexos coloridos no mármore do chão. George se apressou em pegar o pacote e os dois entraram no escritório. A secretária eletrônica estava piscando. Havia uma voz ditando um número de telefone a ser chamado com urgência mesmo após o horário comercial, e em nome dela abriram mais uma garrafa. Depois do brinde e de sentir o rascante do vinho determinar cada centímetro do tubo digestivo até o estômago, Alyrio respondeu ao chamado.

Uma secretária e o tempo de espera deram a medida da distância e da importância do interlocutor. Finalmente entrou na linha uma voz com o porte de lorde inglês e um sotaque afetado.

— É um assunto muito delicado. Temos de tratá-lo pessoalmente.

— Amanhã às nove horas estarei aí.

Alyrio anotou o endereço, dobrou o papel e enfiou-o no bolso. Em seguida reencheu os cálices.

George estava organizando os petiscos. Apesar de mais um período de crise financeira pela qual passava o país e seus habitantes, ele fazia questão de refeições com requinte, mesmo que fosse um simples petisco. Alyrio mantinha uma minúscula cozinha em seu escritório, onde tinha pratos, cálices e talheres apropriados para qualquer eventualidade. Em pouco tempo a escrivaninha estava coberta por uma toalha, sobreposta de tábuas e pratos necessários. Brindaram à perspectiva de um novo caso a ser solucionado e da grana que geraria.

Quando abriam a segunda garrafa de chileno, depois das habituais batidas na porta, entrou Jéferson. George sorriu e imediatamente providenciou outro cálice. Jéferson franziu o nariz.

- Se me permitem...

Depositando o capacete e a mochila sobre uma cadeira, Jéferson foi até a mini cozinha. Retornou emborcando uma lata de cerveja.

— Depois de mais um dia de trânsito infernal, precisava molhar a goela! — Falou depois de vários goles e um suspiro de satisfação. — Acho que hoje ninguém vai querer saber das novidades,, — continuou percebendo que os dois já haviam bebido o suficiente para não se interessarem pelas fofocas frescas sobre os outros escritórios do prédio.

— Se você teve notícias da nova advogada do quinto andar... — Alyrio levantou o copo.

— Hoje não vi a doutora. — Jéferson coçou a cabeça e foi buscar mais uma lata de cerveja. Ao retornar fez um sanduíche de tudo o que havia, especialmente mortadela.

George balançou a cabeça. Jamais iria fazer aquele motoqueiro aprender a apreciar iguarias e comê-las nas devidas combinações. Mas ninguém era perfeito. A presteza e a eficiência com que ele resolvia todos os problemas superavam sua ignorância sobre a boa mesa. Com certeza, em sua mochila estavam todos os recibos e documentos de que fora incumbido. Pensando nisso George levantou seu cálice e os três seguiram bebendo e conjecturando sobre as sucessivas crises do país e as possibilidades de solucioná-las.